

LUIZ CLÁUDIO VIEIRA DE OLIVEIRA*

UMA LITERATURA EM BUSCA DE UM AUTOR

RESUMO

O texto procura defender o aumento da criatividade nas escolas, tanto como forma de ampliar o número de autores de literatura infanto-juvenil, propriamente ditos, quanto como estratégia de luta contra o lugar comum e a estereotipia da literatura feita por adultos para as crianças.

RESUME

Le texte cherche defendre l'augment de la créativité dans les écoles, tantôt comme forme d'amplifier le nombre d'auteurs de littérature infantile et juvénile, proprement dites, tantôt comme stratégie de lutte contre le lieu commun et la stéréotypie de la littérature faite par les adultes pour les enfants.

* PROFESSOR DE TEORIA DA LITERATURA DA FACULDADE DE LETRAS - UFMG

Quando eu estava no grupo escolar, certa vez apareceu por lá um senhor bastante simpático, que nos fez rir à vontade: era Malba Tahan, difundindo seu livro *O homem que calculava*, ainda hoje uma leitura agradável. Foi a primeira vez que tive contato com um autor, essa entidade mitológica que só comparecia na capa dos livros, em uma ou outra introdução, de vez em quando, em livros proibidos - até hoje não sei a razão - como *A vida errante de Jack London*, cuja leitura fiz escondido. Até hoje, quando encontro um autor em carne e osso, tenho por ele o respeito que se tem por uma entidade, meio sagrada e inacessível, subitamente posta entre pobres mortais. É com o maior respeito que me aproximo e o contemplo, não me atrevendo a dirigir-lhe algumas palavras. Foi o que me aconteceu ao ser apresentado à romancista Nélida Piñon, cujos romances já conhecia de longa data, pela Profa. Maria Luíza Ramos, numa reunião em casa desta: cumprimentei-a e fui conversar com meus iguais. Como se ela não o fosse, é claro. Por outro lado, tenho a máxima reserva em mostrar a alguém os meus escritos, aprendiz de poeta que sou, receoso de ir de encontro a alguma crítica desfavorável e principalmente, por não acreditar que eu também possa vir a ser essa entidade misteriosa chamada autor.

Todo esse preâmbulo se deve à questão da literatura infanto-juvenil. Qual a razão dessa faixa etária ficar eternamente dependente de uma literatura escrita para ela por adultos, seres desconhecidos que, só por abstração estatística conhecem seus leitores, sendo eles próprios, abstrações? Por que os nossos alunos, crianças e adolescentes, não podem criar, fazer circular e consumir os próprios textos? "Cui prodest?" Latinamente,

poderíamos indagar: a quem interessa esse estado de coisas? Ao professor, aos pais, aos autores, aos editores, aos educadores de um modo geral, aos próprios alunos? Os nossos alunos, em todos os níveis, têm condições de dizer alguma coisa e de produzir textos, ainda que alguns, pela idade, não saibam escrever e necessitem de um escriba ao lado, pais ou professor. Talvez não fosse muito fora de propósito lembrar aqui a história de um de sencontro/reencontro amoroso contada por um bebê alemão e registrado por um psicanalista famoso com o título de *O jogo do fant-da*. Além, naturalmente, do interesse demonstrado por Guimarães Rosa e Pedro Bloch pela criatividade infantil. Portanto, se nos alunos sabem algo mais além do balbúcio de algumas sílabas, creio que eles têm condições de nos dizer, e a seus pares, coisas que realmente são interessantes e importantes para eles.

Dada a escassez de livros infanto-juvenis no mercado, até bem pouco tempo atrás, é louvável que as editoras, com seu admirável tino comercial e empresarial, hajam percebido e preenchido essa lacuna. De repente, o mercado foi ocupado por milhares de exemplares, por algumas editoras, por um canal de televisão e por uma indústria química, sem cujo financiamento talvez não houvesse tantos exemplares na praça. Onde havia falta passou a haver excesso. O que, ao contrário do que dizem os pessimistas, é altamente positivo. É melhor não ter lugar para guardar o alimento produzido que ter muito espaço e nenhum alimento. Aumentam os livros, aumentam as editoras, aumenta o dinheiro circulante, aumentam os ilustradores, o pessoal técnico, aumentam os autores, aumenta o consumo e o público consumidor. Parabéns! Mas, uma pergunta: aumentou o número de alunos que, estimulados por esse crescimento geral, por essa criatividade desenfreada, passaram a ser, eles também, autores? Ou será que dentro dessa estratégia desenvolvimentista o incentivo da criatividade entre o público leitor não é prioritário?

Num trabalho de pesquisa e análise muitíssimo bem feito¹, uma pesquisadora paulista mostrou que, de 1.500 redações de vestibulandos da USP, em 1978, apenas quatro (04) poderiam ser consideradas integralmente criativas. E essas quatro se enquadravam dentro de um total de 40, apenas parcialmente criativas. As demais redações padeciam de defeitos como: falta de coesão (frãsica e interfrástica, contradições lógicas, paralogismos, incompletude verbal), uso de clichês e falta de correspondência entre

o tema proposto e o texto criado. Tudo isso vem demonstrar o seguinte: em toda a sua vida escolar esses alunos foram solicitados a não se comportarem como autores. Não que não tenham feito redações, ao contrário. Devem ter feito centenas e centenas delas. Apenas fizeram-nas como alunos e não como autores. E a diferença é fundamental.

Escrever como aluno é escrever para não ser lido, para não ser publicado, para não ter prazer. É, no máximo, para ter a redação devolvida, coberta de sinais indicadores de erros que atestam a incapacidade do aluno em usar o dialeto padrão da língua. É escrever sobre temas banais, como "minhas férias", "gota d'água" ou "volta às aulas" que, pasmem todos, são temas dados até hoje. É escrever dentro de critérios de clareza e objetividade, de padrões de correção², nem sempre muito precisos, os vários tipos de redação técnica ou científica, também nem sempre ensinados com clareza e objetividade nas escolas³. Há anos e anos professores de várias disciplinas pedem aos alunos que façam resumos e esquemas sem que se saiba, exatamente, o que é ou o que distingue um resumo de um esquema. Escrever como aluno é deixar de registrar o que efetivamente se pensa ou sente para dizer a linguagem do professor: é deixar de criar.

Por não saberem coletar dados e fichá-los, por não saberem resumir ou esquematizar um texto informativo, por não organizarem suas idéias, por lhes ser negado o direito a expressá-las toda vez que entram em contraste com as do professor, por serem treinados a repetir fórmulas, tanto as de química quanto as de gramática ou as de "como fazer uma boa redação", os nossos alunos não criam. Para os professores, alunos não têm ou não podem ter idéias próprias. Se não têm, não sabem, não podem e não precisam expressá-las. Onde se conclui que o bom aluno, como o bom índio, está calado ou morto. Só abre a boca para dizer o que o professor quer que ele diga, de preferência como o professor diria. Por isso, há tão poucos alunos que sejam capazes de escrever uma redação, um poema, uma monografia, mesmo na universidade, de forma criativa ou, pelo menos, no caso desta última, com um mínimo de correção linguística e científica.

Escrever como autor, por outro lado, é escrever para seus iguais, para ser efetivamente lido e criticado - e não apenas avaliado -, é escrever para dizer algo importante, algo por que se torne responsável, é escrever tentando obter uma eficácia

maior para conquistar o leitor. Escrever como autor é, em suma, ser criador: trabalhar o misterioso caminho das palavras, perder-se e encontrar-se nele, mudá-lo ou conservá-lo, dar voltas, ir e vir. Por que criar, em literatura, ser um autor, tudo isso significa experimentar.

Experiências nem sempre dão certo pela primeira vez: às vezes explodem. Mas são sempre criativas e sempre ensinam algo. Experimentar quer dizer ir por conta própria, aventurar-se, esquecer as fórmulas, as receitas, os manuais, as gramáticas e as regras. Experimentar é algo alquímico: é misturar substâncias que nunca se tocaram, palavras que nunca se falaram, é obter criaturas fabulosas, quimeras incríveis, cheiros, cores e formas jamais vistos ou pressentidos. É preciso experimentar a linguagem como se ela fosse um papagaio que, no ar, preso à frágil ponta de um cordel, traçasse e refizesse desenhos inesperados e sempre novos. E agora mesmo, enquanto escrevo, alguém no prédio vizinho deixa sair pela janela um pedaço de papel amarrado a um cordão, que gira em redemoinho e brilha ao sol: é uma tentativa de criar algo além do concreto e do vidro, gramáticas rígidas de um estilo de vida.

Ainda que nossos educadores e todo o sistema estejam banindo os autores e criadores para suas ilhas, é possível dar aos nossos alunos a oportunidade de serem autores. Na medida em que o forem, estarão contribuindo positivamente, em grau muitíssimo elevado, para a ampliação do consumo e para a melhoria da qualidade da literatura oficializada, já absorvida pelo sistema, dentro de um circuito padronizado - e que tende para a estereotípia - de produção-divulgação-consumo de literatura infanto-juvenil. É preciso que haja mais grafiteiros e mais literatura marginal, o que a escola pode favorecer. Quanto mais houver, maior será a higiene do sistema e maior a garantia que teremos de que, de quando em quando, haverá uma sacudidela no "status quo", haverá algo de louco, de diluidor, de criativo e de antropofágico no ar. Ou como dirir Drummond, de eterno.

NOTAS

1. ROCCO, Maria Thereza Fraga. *Crise na linguagem: a redação no vestibular*. São Paulo, Mestre Jou, 1981. p. 246.

"No que se refere à linguagem considerada *criativa*, conforme os critérios explicitados, foi registrado um número *reduzidíssimo* com presença de achados formais, de originalidade, de surpresa e/ou suspense, seja no plano frástico/interfrástico, seja no plano textual. Ao todo, obtivemos 40 textos on de foram constatadas tais qualidades, sendo que, dentre os 40 casos, em 36 deles, a originalidade, a criatividade limitou-se ao plano frástico/interfrástico. Apenas 4 textos, em 1.500 analisados, mostraram-se integralmente originais e criativos. Esse registro de 40 casos correspondeu a um índice baixíssimo dentro da amostra, a saber, 2,7% do total." (grifo mantido)

2. AFONSECA, Elísia Terezinha Melgaço. *Redação: fundamentos, tipos e processos, sugestões de atividades*. Belo Horizonte, Consultoria Técnica Educacional, 1984. p. 9-15.

Caberia uma análise dos dois primeiros capítulos do opúsculo supra-citado, em que há uma preocupação excessiva com a normatização da redação, especificamente da redação 'oficial' e onde se colocam objetivos e processos ideais e abstratos. Por exemplo: "Criar oportunidade para construir o impulso real de comunicação, despertando motivos suficientes e profundos que conduzam o aluno a querer escrever suas idéias." (p. 9) Nada mais impalpável.

No segundo capítulo, "tipos e processos", a autora escreve dezesseis vezes a palavra "clara", só ou combinada com "precisa", "sintética", "concreta", "objetiva", "informal", "original", "cordial", "simples", como uma das qualidades do que chama de redação prática: cartas, atas, ofícios, etc. Ao que chama de redação criadora dedica 35 linhas para definir e citar os tipos...

3. Deve haver espaço para que o aluno aprenda a escrever dentro dos padrões oficiais, usando a variante padrão da língua com coerência e objetividade. Nesse sentido é louvável e exemplar o livro *Técnica de Redação*, de Magda Becker e Edson N.

Campos. Por outro lado, é também louvável e exemplar a experiência levada a cabo por Eglê Franchi, descrita em seu livro *A redação na escola*, de estimular a criatividade de seus alunos na variante da língua usada por eles para, gradativamente, levá-los à expressão também na variante padrão.

4. FRANCHI, Eglê. *A redação na escola*. São Paulo, Martins Fontes, 1985.
5. SOARES, Magda Becker e CAMPOS, Edson N. *Técnica de redação*. Rio, Ao Livro Técnico, 1982.